

Calor como entretenimento: uma análise das notícias televisivas do MT1 sobre as ondas de calor de 2023 em Cuiabá

Heat as entertainment: an analysis of MT1 television news about the 2023 heatwaves in Cuiabá

Victória Ellen Araújo Dalla COSTA^{1*}, Thiago Cury LUIZ¹

Artigo recebido em
28 de fevereiro de 2025

Versão final aceita em
16 de julho de 2025

Publicado em
10 de junho de 2026

1 Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil.

* E-mail de contato:
victoriaellen.adc@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa a cobertura jornalística sobre as ondas de calor de 2023 em Cuiabá realizada por um dos principais telejornais de Mato Grosso, o MT1, da TV Centro América, afiliada à Rede Globo. Com fundamento nas metodologias de Análise de Conteúdo e Análise Televisual, foram realizados procedimentos de coleta e análise de notícias para avaliação da composição dos conteúdos, de seus significados e dos critérios de noticiabilidade aplicados. Os resultados indicam que o calor extremo foi frequentemente pautado como entretenimento, com simplificação do tema e reforço de estereótipos regionais. Além disso, a ausência de contextualização científica contribuiu para a naturalização dos eventos climáticos extremos, comprometendo a função social do jornalismo, em especial do jornalismo científico.

Palavras-chave: ondas de calor; telejornalismo; mt1; infotainment; jornalismo científico.

Abstract: This article analyzes the journalistic coverage of the 2023 heatwaves in Cuiabá by one of the main news programs in Mato Grosso, MT1, on TV Centro América, an affiliate of Rede Globo. Based on Content Analysis and Televisual Analysis methodologies, news collection and analysis procedures were carried out to evaluate the composition of content, its meanings, and the newsworthiness criteria applied. The results indicate that extreme heat was often viewed as entertainment, simplifying the topic and reinforcing regional stereotypes. Furthermore, the lack of scientific contextualization contributed to the naturalization of extreme weather events, compromising the social function of journalism, especially scientific journalism.

Keywords: heatwaves; television journalism; MT1; infotainment; scientific journalism.

1. Introdução

O ano de 2023 confirmou-se como um dos mais quentes da história do Planeta até aqui. Segundo dados do relatório Estado do Clima Global, realizado pela Organização Meteorológica Mundial (OMM, 2024), a temperatura global média do ano atingiu recorde histórico com 1,45°C acima dos níveis pré-industriais, – período entre 1850 e 1900 (Intergovernmental Panel on Climate Change [IPCC], 2018) – chegando muito próximo ao limite de 1,5°C de aquecimento, um número simbólico como limitante de aumento das temperaturas a longo prazo, determinado pelo Acordo de Paris sobre alterações climáticas, firmado em 2015.

No Brasil, o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET, 2024) publicou, em janeiro de 2024, um levantamento comprovando o aquecimento de 0,69°C

acima da média histórica de 24,23°C, registrada entre 1991 e 2020. O que se torna ainda mais significativo ao comparar a elevação em relação ao ano anterior: em 2022, a temperatura média no país ficou em 24,07°C, saltando para 24,92°C em 2023.

As anomalias do sistema climático atingiram o país inteiro, de Norte a Sul, com ênfase para a região Centro-Oeste, que foi fortemente atingida pelas ondas de calor e experimentou aumento de até 2°C na temperatura média. Conforme dados dos Gráficos Anuais de Estações Automáticas do INMET (n.d.), a capital mato-grossense, Cuiabá, registrou 44,2°C no mês de outubro, e esta marca foi a mais elevada da cidade desde 1911, quando foi instalada a estação meteorológica.

Informações como estas preencheram o noticiário brasileiro ao longo do ano, mas o calor no centro do país não é pauta recente. Cuiabá, conhecida como “a capital mais calorosa do país” e “Cuiabresa”, diversas vezes se tornou notícia por seu clima quente e sempre esteve associada às altas temperaturas. Isto é unanimidade para a climatologia e, especialmente, para o senso comum brasileiro, que naturaliza o calor local.

A partir desta normalização, percebe-se que, mesmo diante de temperaturas muito elevadas e de uma conjuntura tão preocupante, o jornalismo, por vezes, ainda pauta o aquecimento da cidade como entretenimento, principalmente no jornalismo televisivo, embasado no uso de expressões e imagens chamativas e sensacionalistas em busca de adesão do público. Neste contexto, o problema de pesquisa que se apresenta aqui é: como o telejornal MT1 noticia as ondas de calor?

Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar as notícias sobre as ondas de calor de 2023 em Cuiabá em um dos principais jornais televisivos de Mato Grosso, o MT1, da TV Centro América. Os objetivos específicos buscam verificar o uso da pauta jornalística sobre ondas de calor como entretenimento no jornalismo televisivo; detectar termos, expressões e imagens que comumente descrevem o calor extremo e/ou reforçam estereótipos sobre Cuiabá ou, ainda, relativizam a alteração climática; e observar como a ciência é pautada para informar sobre motivos e consequências das altas temperaturas.

Para tanto, a metodologia se baseia na Análise de Conteúdo, estudada por Bardin (1977) e por Fonseca Júnior (2008), e na Análise Televisual, explicitada por Becker (2012). Assim, serão considerados fatores quantitativos para avaliar a frequência e o volume de certas características, bem como qualitativos, visando identificar as composições dos conteúdos e os significados que estes imprimem. Considerando a ocorrência climática, a coleta de material para a análise planilhada está delimitada temporalmente entre os meses de agosto e outubro de 2023.

A seguir, apresenta-se uma discussão conceitual sobre questões climáticas, racismo ambiental, a cobertura jornalística de meio ambiente, e critérios de noticiabilidade relacionados à pauta do clima. Depois, destaca-se os métodos que conduziram o estudo, descrevendo as técnicas de coleta e análise de dados.

Posteriormente, tem-se a exposição e a discussão dos resultados e, por fim, algumas considerações a respeito do objeto analisado.

2. Mudanças climáticas e racismo ambiental: breves conceituações e referenciais

Considerando o cenário exposto acima e para entendimento ao longo deste estudo, registra-se que Ondas de Calor são conceituadas, conforme o Glossário do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET, n. d.), como cinco ou mais dias consecutivos durante os quais a temperatura máxima diária atinge 5°C ou mais acima da média do mês em determinado local, sendo este um evento extremo de tempo atmosférico.

Em consonância, segundo o glossário do relatório especial Aquecimento Global de 1,5 °C do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), a expressão “mudança climática” é definida como “variação do estado do clima e/ou sua variabilidade”, detectada por meio de alterações da média e/ou da variabilidade desses fenômenos e suas propriedades, que se mantém por um longo período de tempo, como décadas ou mais (IPCC, 2018). Ou seja, são transformações a longo prazo nos padrões do clima, como também conceitua a Organização das Nações Unidas (ONU, 2022), que podem ser naturais ou atribuídas às atividades humanas – sendo este último o principal impulsionador desde 1800.

Este impulsionamento está diretamente relacionado ao aumento exponencial de emissões de Gases de Efeito Estufa (GEEs) – principalmente dióxido de carbono, metano e óxido nitroso. O efeito estufa é um fenômeno natural, responsável por reter o calor na atmosfera e a radiação solar que atinge a superfície terrestre, contribuindo para a regulação térmica e a manutenção da vida no Planeta. No entanto, ações antrópicas que emitem GEEs em grande escala e em ritmo cada vez mais acelerado têm intensificado consideravelmente este fenômeno. Como consequência, tem-se o aquecimento global, evidenciado pelo aumento da temperatura média do ar e dos oceanos, o derretimento de neve e gelo, e a elevação do nível do mar.

A partir disto, entende-se que os Eventos Climáticos ou Meteorológicos Extremos ou Eventos Extremos de Tempo Atmosférico, como ondas de calor, chuvas torrenciais, secas, ciclones, vendavais, entre outros, são considerados como grandes desvios de um estado climático moderado, resultados destas alterações dos padrões naturais de maneira brusca, mais intensa e/ou frequente.

Queima de combustíveis fósseis, atividades industriais, agropecuária, desmatamento estão entre as principais atividades que contribuem para o aumento da emissão de gases na atmosfera e para o aquecimento global. Disso resulta mudança do clima e, consequentemente, a ocorrência de eventos extremos, que abalam as estruturas de variados países não apenas ambientalmente, mas economicamente e socialmente. (Lopes et al., 2020, p. 3).

Conforme Lopes et al. (2020), as consequências dos eventos extremos e de todo o contexto de mudanças climáticas em curso nas últimas décadas atingem sobremaneira o meio ambiente, mas, apesar da lógica evidente, há que se citar como os impactos se desdobram em problemas sociais, econômicos, de saúde pública, entre outros, e em nível global. Dias (2023, p. 30), por exemplo, afirma que tais eventos já “ocasionaram milhares de mortes, acentuaram a pobreza, a desigualdade e o nível de distância referente aos índices de desenvolvimento entre países do norte e sul do globo”.

Amaral et al. (2020) complementam destacando dez questões e problemáticas principais em torno das afetações das mudanças do clima, a serem pensadas em conjunto com o tema “Clima” na realidade contemporânea, principalmente no Brasil, sendo elas: Amazônia, Povos Tradicionais, Saúde, Segurança Alimentar, Agropecuária, Zonas Costeiras, Segurança Hídrica, Segurança Energética, Cidades e Perspectiva Social.

Ao tratar-se especificamente sobre as ondas de calor, o fenômeno extremo em foco no presente trabalho, faz-se necessário pontuar que estas resultam em uma “sobreposição de riscos” (Aguiar & Loose, 2023), já que as consequências são preocupantes para a manutenção dos recursos naturais, para o setor agrícola, “se relacionam com uma maior ocorrência de incêndios” (Aguiar & Loose, 2023), e ainda atingem de modo acentuado, conforme Pedrosa (2023), a saúde e o funcionamento do corpo humano ao exigir ações muito potentes do sistema termorregulador, “que trabalha para evitar tanto o resfriamento corporal quanto o seu aquecimento, e procura manter um estado de conforto térmico”.

No entanto, apesar das consequências em larga escala, alcançando todos os lugares e pessoas, notavelmente os impactos são distintos e avultados para determinados níveis e grupos do corpo social, especialmente os mais vulnerabilizados, com maior suscetibilidade a danos e menores condições de adaptação aos efeitos da alteração do clima.

Silva (2012, p. 87-88) afirma que “em sociedades desiguais, são os grupos racialmente discriminados e as populações de baixa renda – enfim, grupos vulneráveis e marginalizados – a arcar com a carga mais pesada dos danos ambientais gerados pelo desenvolvimento”. Por isso, de acordo com Dias (2023), a Organização Anistia Internacional definiu a crise climática como uma crise de direitos humanos, com diferentes consequências entre diferentes continentes, países, comunidades e raças. Por fim, a autora complementa dizendo que, “além de evidenciar as desigualdades, as alterações no clima as aprofundam” (Dias, 2023, p. 34).

Sobre o cenário brasileiro, em especial, Amaral et al. (2020) acrescentam que muito disso se dá pela inação do Estado, em todos os seus níveis e poderes, e pela ausência de políticas públicas e ações governamentais para amparo a grupos vulneráveis e correção de desigualdades.

Diante disso, inclui-se necessariamente nesta proposta a aplicação do termo Racismo Ambiental. Segundo Dias (2023, p. 12), a expressão, que surgiu

nos Estados Unidos nos anos 1980, refere-se à “desigual distribuição dos ônus gerados pela degradação do meio ambiente, sendo sempre as populações étnicas em situação de vulnerabilidade social a arcar de forma mais intensa com as consequências da destruição ambiental”. Sendo assim, pode-se dizer que o racismo ambiental engloba as injustiças ambientais, sociais e econômicas experienciadas.

Para enfrentar as problemáticas descritas, segundo Marengo (2024), faz-se essencial “adotar uma abordagem sistêmica e flexível, que inclua o desenvolvimento institucional, a capacitação, o planejamento financeiro e a avaliação de múltiplos riscos” quanto às mudanças do clima para pequenas e grandes cidades, por parte das instituições governamentais e de poder em um país como o Brasil, visando desenvolver estratégias eficazes de adaptação e mitigação dos efeitos adversos.

No entanto, constata-se que tais mecanismos estão longe de serem aplicados na realidade, e sequer são cogitados como possibilidades para a maioria das cidades brasileiras, incluindo Cuiabá. Conforme reportagem da Agência Pública, que delineou planos de governo dos últimos candidatos à prefeitura da capital, cuja eleição ocorreu em outubro de 2024, o termo “mudanças climáticas” não foi considerado para o gerenciamento da cidade. Intitulada “Praia artificial, árvores e chope: o “plano” da direita contra o calor extremo em Cuiabá” (Freitas & Canizares, 2024), a matéria afirma que os dois candidatos favoritos ao cargo não mencionaram, por exemplo, ideias para implementação de um plano de enfrentamento às mudanças climáticas para a cidade que, mesmo diante do cenário climático atual, ainda não possui tal instrumento, assim como ocorre com outras 15 capitais brasileiras (Bieber, 2024).

Neste contexto, faz-se importante ressaltar que, segundo o Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), nos 160,59 km² de área urbanizada em Cuiabá, somente 39,6% das vias públicas eram adequadamente arborizadas. Além disso, mais de 970 pessoas eram enquadradas como “população exposta ao risco”, ou seja, viviam em áreas de risco, consideradas críticas a desastres naturais e monitoradas pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN).

O mais recente levantamento realizado pelo IBGE, o Censo 2022, não apresenta dados sobre estes recortes para Cuiabá, mas indica que, sob uma taxa de 1,57% de crescimento anual da população, a cidade possui aproximadamente 650.877 habitantes, – com projeção de 682.932 para 2024 – em um território de 4.327,448 km², resultando em uma densidade demográfica de 150,41 hab/km² para o município (IBGE, 2022a).

Logo, é possível estimar um aumento considerável também para o número de pessoas residentes em áreas de risco, com infraestrutura deficitária e expostas aos efeitos de desastres naturais e eventos climáticos extremos, como inundações, enxurradas, deslizamentos e, claro, ondas de calor cada vez mais frequentes na capital, assim como as chamadas “ilhas de calor”, em decorrência da intensa urbanização da cidade.

A partir do exposto, compreende-se a importância de entender as dinâmicas sociais e suas relações com as alterações do clima para visualizar com maior precisão o desenvolvimento e a influência da cobertura midiática sobre o tema.

3. Cobertura midiática das alterações do clima e o papel social do jornalismo

Girardi et al. (2018) afirmam que as mudanças do clima são um dos problemas ambientais mais sérios e em evidência na sociedade hoje, e por isso entendê-las em completude é fundamental para a atuação no Jornalismo Contemporâneo. Nesta perspectiva, Loose e Girardi (2017) apontam a importância de uma cobertura jornalística que vá além da superficialidade e do entretenimento ao tratar de temas ambientais, e nota-se como isso se aplica em especial para as pautas climáticas.

Para fins de contextualização, importa indicar que este estudo utiliza o conceito de “entretenimento” explicitado por Dejavite (2003, p. 67), que diz que, na contemporaneidade, este se refere a narrativas, performances ou experiências que envolvem e agradam um público, oferecendo perspectivas que podem ser leves e descompromissadas e visando “proporcionar uma válvula de distração, de prazer e divertimento às pessoas”, sendo denominado por alguns como “informação para aquele que não procura a informação”.

A autora acrescenta, porém, que entende o entretenimento como obrigatório e cada vez mais relevante na atualidade, além de passível de interação com a comunicação e a informação, abarcando a compreensão em torno do termo “jornalismo de infotenimento”, esta mistura entre os gêneros, que é “usada largamente enquanto uma estratégia de marketing e como resposta às mudanças dos processos cognitivos da nova geração de receptores” (Dejavite, 2003, p. 69), e que deve “integrar-se aos padrões jornalísticos”, de modo que:

Sua articulação e propagação associam-se às suas muitas responsabilidades sociais e culturais. Seu conteúdo editorial alia-se à seriedade, à leveza, à precisão e à ética, tal como outras especificidades jornalísticas, relatando informações nacionais, internacionais, locais e regionais em todos os gêneros jornalísticos, ao mesmo tempo que informa e distrai o leitor. (Dejavite, 2003, p. 70).

Sendo assim, faz-se necessário que o jornalismo, no caso da cobertura climática, saiba dosar a interação com certas nuances de entretenimento e distração, aprofunde os temas e ocupe seu espaço para debater as causas e as consequências das alterações do clima, evitando as superficialidades, sobretudo no que tange aos impactos para o cotidiano das pessoas, como também argumentam Rodas e Di Giulio (2017).

No caso do telejornalismo, em específico, segundo Becker (2012), um dos desafios centrais é a fragmentação das narrativas, resultado da organização de informações em blocos curtos e condensados, o que pode dificultar

a compreensão plena dos temas abordados. No caso de reportagens sobre mudanças climáticas, a fragmentação, unida a uma cobertura superficial, e por vezes sensacionalista, “tende a esvaziar os valores simbólicos das notícias” e dificultam a percepção e compreensão da complexidade do problema, já que “são apresentadas como um mosaico, não oferecendo a oportunidade de realizar interligações indispensáveis para a correta apreensão dos problemas” (Becker, 2012, p. 244).

A dramatização também é apontada por Becker (2012) como um aspecto relevante no jornalismo audiovisual. Este recurso bastante utilizado em reportagens sobre desastres ambientais, muitos em decorrência de eventos climáticos extremos, tende a intensificar o impacto emocional das notícias, criando uma narrativa que muitas vezes confunde realidade e ficção.

Ressalta-se, neste sentido, a “ênfase na contextualização” trazida por Loose e Girardi (2017) como um dos pressupostos a serem seguidos pelos jornalistas que pretendem trabalhar seriamente a pauta ambiental e científica. Segundo as autoras, na busca por não banalizar ou tratar de maneira rasa as temáticas em torno das alterações do clima, a contextualização é:

[...] a expectativa de superar a fragmentação e a descontinuidade, típicas do fazer jornalístico diário, é posta como um dos pilares deste jornalismo. Assim como o meio ambiente, a parte não explica o todo; a complexidade precisa estar presente. A visão míope do jornalismo convencional precisa ser modificada a fim de permitir que os leitores relacionem as pautas e assuntos. Portanto, a ênfase em uma contextualização ampla, profunda e crítica (tecendo relações de causas e consequências) depende também de uma apuração o mais completa possível. (Loose & Girardi, 2017, p. 158).

Olhando-se para o jornalismo mato-grossense, a cobertura sobre as ondas de calor em Cuiabá, associada ao entretenimento e à utilização de imagens e expressões repetidas sobre as altas temperaturas, sem embasamento científico e contextualização, além do desserviço à saúde pública e demais fatores, ainda reforça os estereótipos da região já relacionada ao calor, colaborando para a formação de um senso comum de cidade extremamente quente de forma constante e natural, sem romper com o cenário de normalidade que a situação exige. Para este caso, utiliza-se neste estudo a conceituação de senso comum explicitada por Braga (2019), que diz que

O senso comum é relacionado às ações da experiência prática e ao exercício da linguagem cotidiana [...] e se caracteriza como um modo de conhecimento, um saber de tipo especial, disseminado na sociedade. Este saber se mostra intuitivo, marcado pela experiência subjetiva. [...] Como “saber profano”, não formalizado, é modo coerente com a experiência prática, nas circunstâncias mesmo da vida em sociedade e nas relações com a natureza (Braga, 2019, p. 37).

Neste sentido, Braga (2019, p. 35) também afirma que o lado negativo dos comportamentos baseados no senso comum é que com ele “aparecem as tendências humanas de incorporação e automatização do exercício da prática,

levando a comportamentos enraizados na repetição ou, ainda, à tendência instintiva da imitação”. O que pode ser notado ao observar que até mesmo quem nunca esteve em Cuiabá conhece a capital por suas altas temperaturas.

Logo, abordando o delicado e complexo cenário de alteração climática, das ondas de calor e as contribuições da pesquisa científica quanto aos estudos, análise e compreensão do assunto, é imprescindível conceituar também uma das principais ferramentas de ligação entre a ciência e a sociedade como um todo, para além do campo acadêmico: o jornalismo científico.

Bueno (1985) explica que “o conceito de jornalismo científico deve incluir obrigatoriamente o de jornalismo”, apropriando-se de algumas de suas principais e conhecidas características: atualidade, universalidade, periodicidade e difusão.

Além disso, Bueno (1985) disse que o jornalismo científico também pode ser entendido como um processo social “que se articula a partir da relação entre organizações formais e a coletividade, por meio de canais de difusão que asseguram a transmissão de informações de natureza científica e tecnológica, em função de interesses e expectativas” (Bueno, 1985, p. 1422). O autor considerou ainda o jornalismo científico como “a informação persistente de fatos, personagens e acontecimentos relacionados ao campo da ciência, veiculadas através dos meios de comunicação de massa e transmitida em linguagem acessível ao grande público” (Bueno, 1985, p. 1423).

Quanto às funções do jornalismo científico, pode-se dizer que o mesmo “procura familiarizar o leitor com o espírito da ciência” (Reis, 1982 citado em Bueno, 1985, p. 1424) e, ainda, conforme Bueno (1985), esta especialização do jornalismo se divide e cumpre seis funções básicas, tais como:

1. informativa,
2. educativa,
3. social,
4. cultural,
5. econômica e
6. político-ideológica.

Salienta-se, neste caso, o papel do ofício desenvolvido a partir desta que seria a sua segunda função principal: a educação, tendo em vista que suas práticas, em especial no âmbito ambiental e científico, “acabam contribuindo para a formação de cidadãos ‘ambientalmente educados’, em sua tentativa diária de traduzir as Ciências da Vida e da Terra para uma linguagem comum” (John, 2001, p. 88 citado em Girardi et al., 2006, p. 2).

Nesta perspectiva, Santos e Oliveira (2024, p. 137-138) lembram que o ato de aprender, especialmente na atualidade, como se sabe, não se limita às salas de aula, e assim “as notícias e reportagens contribuem para o pensamento crítico e à formação do ser humano, do ponto de vista educacional”. Logo, o “acesso à informação e conhecimento contribui para a estruturação do pen-

samento crítico” e, a partir disso, os autores definem a divulgação científica como formadora pedagógica e o jornalismo científico como um cooperador social, que une jornalistas e pesquisadores com o objetivo de “informar, comunicar e atualizar a coletividade”.

Correia et al. (2021, p. 5) ainda tratam o jornalismo científico como uma ponte entre a comunidade científica e a sociedade e enfatizam a responsabilidade de os jornalistas atuarem como disseminadores de informações, transmitindo “fatos e acontecimentos para diferentes indivíduos, de forma a tornar a informação mais compreensível e facilitar o acesso ao conhecimento por todos”.

Além do mais, Loose e Girardi (2017, p. 157) também reforçaram o papel social do jornalismo como um todo e em especial no âmbito das alterações do clima: “o de empoderar os cidadãos por meio de informações qualificadas”. As autoras afirmaram que, devido a sua legitimidade e vasto alcance, a função de mediação que os meios de comunicação exercem é de extrema relevância não só para o trabalho científico, mas também para as decisões sociopolíticas e para a informação da população no enfrentamento aos riscos associados aos efeitos da crise.

Rodas e Di Giulio (2017, p. 105) também salientam como a mídia ganha destaque num contexto de emergência climática, tendo em vista que “ao lado da ciência, das leis e da política, ela define, seleciona e dá visibilidade e legitimidade a um problema ambiental – ou a determinado risco”.

Por fim, diante dessa relação de influência que é estabelecida pelos meios de comunicação sobre a sociedade, reforça-se ainda mais a necessidade de comprometimento dos profissionais atuantes da área, especialmente no campo jornalístico. No contexto de mudanças climáticas, os jornalistas têm uma carga ainda maior de responsabilidade ética para com as produções de conteúdo em torno da temática, haja vista a seriedade do tema e as possíveis consequências (negativas ou positivas) advindas do modo com que é tratado.

Por detrás da atuação influente da mídia, existe uma série de fatores que caracteriza a prática profissional na área, como as rotinas das redações, as relações com as fontes, as delimitações editoriais das organizações, as próprias ideologias e concepções dos profissionais, entre outros. Todos estes aspectos formam uma dinâmica complexa, que impacta diretamente o modo de operação dos jornalistas e determina os enquadramentos e enfoques dos produtos jornalísticos.

Surgem, então, os chamados Critérios de Noticiabilidade e os Valores-Notícia, aspectos estes que definem a seleção dos fatos e a produção de notícias ou, conforme Silva e França (2017, p. 2), os termos utilizados para explicar essa “articulação entre fatos da realidade que devem e merecem ser relatados, devendo ser processados e colocados em circulação na forma de informação, em função de seu possível interesse público”.

Vale destacar que, para Silva e França (2017, p. 5), o jornalismo “se justifica porque serve ao interesse público, fundamenta a opinião pública e atende

ao bem comum”, sendo o interesse público, neste sentido, um dos principais critérios para embasamento da prática, usado como “o grande esteio do discurso autolegitimador do jornalismo”, logo, este deve sempre ser levado em principal consideração, de forma racionalizada, pelos jornalistas para definição dos enquadramentos noticiosos. No entanto, como as próprias autoras enfatizam, esta premissa não se estabelece com a frequência que deveria.

Para o caso da cobertura ambiental e, neste caso, científica em conjunto, Rodas e Di Giulio (2017) pontuam algumas especificidades que fazem com que as temáticas da área, especialmente as que implicam problemáticas, tenham maior dificuldade em atender aos critérios necessários para ganhar destaque dentro do universo de acontecimentos noticiáveis e apresentar proeminência na mídia hegemônica. Segundo as autoras, um dos motivos para a manutenção deste tipo de cobertura na mídia hegemônica se dá pelas “oscilações do interesse público” quanto à pauta climática e ambiental. As notícias ambientais tendem a perder espaço “à medida que diminuem seu valor dramático ou de entretenimento” (Rodas & Di Giulio, 2017, p. 106), bem como quando passam a envolver grandes perturbações e custos ao invés de despertar interesses econômicos e de poder.

Ressalta-se a amplificação dos cenários expostos acima ao tratar-se do fazer jornalístico por meio da mídia televisiva, como já mencionado, haja vista que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, sobre o módulo de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), realizada em 2022 pelo IBGE, dos 75,3 milhões de domicílios particulares permanentes do Brasil, em 94,9% havia televisão, 95,6% na área urbana e 90,4% na rural. Na região Centro-Oeste, especialmente focada no presente estudo, também de acordo com a PNAD Contínua 2022, 91,2% dos domicílios possuíam aparelhos com sinal analógico ou digital de televisão aberta (IBGE, 2022b).

Em consonância, dados do relatório final mais recente da Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM), feito em 2016 pela Secretaria de Comunicação Social (SECOM) do Governo Federal, apontam que a TV é o meio de comunicação mais acessado pelos brasileiros, sendo assistida todos os dias da semana e por mais de três horas diárias por mais de três quartos dos entrevistados. Além disso, “as emissoras de TV aberta são as mais assistidas, principalmente a Rede Globo” e apresentam alto grau de confiança para os espectadores, tendo em vista que “mais da metade dos entrevistados que assistem TV confiam sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas por esse meio” (Secretaria de Comunicação Social [SECOM], 2016).

O que demonstra, como pontua Varela (2024, p. 71), que, apesar dos avanços da internet, a televisão aberta, que passa por processos de remodelação e convergência, permanece responsável por levar entretenimento e informação para a maioria das pessoas “devido ao fato de suas ondas digitais e seu sinal aberto ter maior acessibilidade em comparação ao sinal de internet, por exem-

plo, que é pago”. O autor ainda acrescenta que a televisão aberta é um sistema produtor de sentidos, servindo como meio de referência no corpo social.

Desse modo, entende-se como a televisão se mantém como um meio de comunicação de massa, funcionando como uma das principais pontes para mediação de informações, contribuindo com o letramento social e a formação de opinião pública. Conforme Becker (2012), a mídia televisiva tem uma função crucial na interpretação da realidade e o jornalismo audiovisual ocupa um papel central na sociedade, não apenas como disseminador de informações, mas também como forma de conhecimento que contribui para a compreensão do mundo, devido à sua proximidade e interação com o meio social.

Neste sentido, ressalta-se ainda que a televisão, como defendido por Fischer (2002), desempenha um papel formador, principalmente na contemporaneidade social. A partir do conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”, a autora explica que o sentido de “educação” é ampliado para a compreensão de que diversos aprendizados “se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação”, e é impossível não dizer que estes espaços de mídia se caracterizam também como lugares de formação atualmente.

Sendo assim, após abordar os principais conceitos que perpassam a investigação, apresenta-se, então, o arcabouço metodológico.

4. Aspectos metodológicos do estudo

Conforme indicado na introdução, o presente estudo analisou uma amostra de material pretendendo compreender como foi realizada a cobertura jornalística local dos principais períodos de ondas de calor em Cuiabá no ano de 2023. Para tanto, o objeto analisado consiste em uma seleção de notícias do MT1 (MTTV 1ª Edição), um dos principais telejornais da TV Centro América, afiliada da Rede Globo em Mato Grosso.

Quanto à escolha do veículo analisado, ressalta-se que se trata do líder de audiência do horário de almoço na região. Segundo pesquisa do Instituto Kantar Ibope Media, em abril de 2023 o telejornal atingiu 11,2 pontos de audiência, com mais de 98 mil pessoas que se informavam assistindo ao programa das 10h45 às 12h, de segunda-feira a sábado. A mesma pesquisa realizada em abril de 2024 apontou que eram cerca de 104 mil telespectadores por minuto e 13,7 pontos de audiência para o telejornal local, com forte perfil comunitário, e apresentado atualmente pelos jornalistas Cleto Kipper e Gleyce Santos.

Diante disso, foram selecionadas, dentre as produções do programa, as notícias que trataram sobre as ondas de calor registradas na capital em 2023 ou que se desenvolveram em torno da temática. Sendo assim, o *corpus* de análise da presente pesquisa é constituído por um total de nove unidades de registros, que são os conteúdos noticiosos coletados ao longo do recorte temporal estabelecido, conforme disposto na Tabela 1.

Tabela 1 *Corpus de análise da pesquisa.*

Data	Título
11/08/2023	Passageiros da Estação Ipiranga reclamam de calor
16/08/2023	Passageiros reclamam de calor em Estação Ipiranga
23/08/2023	MT1 mostra como a população tenta se proteger do calor
19/09/2023	Onda de calor já mudou a rotina do cuiabano
26/09/2023	Sem energia, família passa noite dentro do carro pra fugir do calor
27/09/2023	MT registrou maior carga medida em 23 anos, por causa do calor
20/10/2023	MT1 faz o experimento do ovo frito ao ar livre
20/10/2023	Onda de calor: Ovo fritou ou não?
21/10/2023	Árvores têm importante papel na redução do calor

Apesar dos registros do fenômeno extremo durante todo o ano, o período de maior ocorrência se deu entre os meses de agosto e outubro, de acordo com dados do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET, n.d.). Por este motivo, o recorte temporal para coleta e análise dos materiais se baseia nestes três meses (agosto, setembro e outubro de 2023).

Além dos recordes de temperatura, este recorte de tempo para o *corpus* da análise também se justifica com base no que se pode entender como uma “pequena amostra” do interesse público sobre o assunto. Segundo dados do Google Trends, durante os referidos meses houve grande busca por notícias e informações em torno de termos como “ondas de calor”, “calor excessivo” e “calor Cuiabá”, sobretudo em localidades próximas às regiões mais atingidas pelas alterações do clima, como Mato Grosso.

Diante deste recorte de tempo, a coleta de materiais para análise foi realizada a partir dos arquivos gravados do telejornal da TV Centro América, disponibilizados na internet por meio do Portal de Notícias da Globo, o G1, e no Globoplay, a plataforma de streaming da emissora. O material se encontra na aba “G1 Mato Grosso – Vídeos MTTV 1ª Edição”, e, para localização das gravações desejadas, foram realizadas as filtrações temporais personalizadas por meio de dispositivo fornecido pela própria página e pesquisas no campo de busca do site, delimitando filtros para o conteúdo a partir dos termos de busca. Usando como exemplo os dados de pesquisa do Google Trends, os termos definidos para busca foram: Ondas de Calor, Calor Cuiabá e Clima Cuiabá.

Os conteúdos coletados foram armazenados e dispostos em planilha no Excel, com divisão de etiquetas para organização dos elementos de acordo com suas características, definidas a partir dos eixos temáticos, do problema de pesquisa e na busca pela elucidação dos objetivos específicos, bem como nas conceituações metodológicas adotadas. As categorias são as seguintes: Programa; Data de exibição; Título; Link de acesso; Formato; Duração; Estrutura do texto; Temática; Enunciadores; Visualidade; Som; Edição; Abordagem científica?; Pauta jornalística ou de entretenimento?; e Expressões mais utilizadas.

A primeira metodologia utilizada para construção da pesquisa é a Análise

de Conteúdo, estudada por Bardin (1977) e por Fonseca Júnior (2008), que contempla estudos quantitativos para avaliar a frequência de certas características no conteúdo, assim como qualitativos, visando identificar as estratégias e composições de texto, e compreender os aspectos implícitos na mensagem, suas significações e símbolos, enquanto influência para formação do senso comum. Desse modo, conforme Fonseca Júnior (2008), a Análise de Conteúdo permite extrair, detalhar e organizar as informações do material analisado, de acordo com os interesses da pesquisa, incluindo diversas fases, como a pré-análise, quando o conteúdo é assistido atentamente, a exploração do material, que envolve a codificação, a categorização do conteúdo e a interpretação dos resultados.

Para abarcar as especificidades do telejornalismo, também são utilizados os conceitos básicos da Análise Televisual, explicitada por Becker (2012). O referido método propõe um olhar crítico para a análise das narrativas jornalísticas audiovisuais e permite compreender as dinâmicas por trás da construção das notícias televisivas, incluindo recursos já mencionados anteriormente, como a fragmentação da informação, que impede a percepção plena dos assuntos noticiados – especialmente no caso das mudanças climáticas –, e a dramatização, que intensifica o impacto emocional das notícias e pode apagar as fronteiras entre realidade e ficção.

A Análise Televisual se divide em três etapas:

1. descrição,
2. análise televisual e
3. interpretação dos resultados.

A etapa de descrição consiste em reunir informações detalhadas sobre o material em análise, como o estilo de narração, a estrutura e o formato utilizados. A segunda parte investiga os elementos visuais, sonoros e discursivos que constituem a narrativa televisiva. Já a terceira e última etapa, de interpretação, se refere ao esforço de extrair os sentidos produzidos pelo produto noticioso e seu possível impacto no público.

Além disso, Becker (2012) ainda detalha que a segunda etapa da metodologia proposta envolve tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos. Desse modo, para o estudo quantitativo, do que se faz a análise televisual em si, são aplicadas seis categorias básicas, conforme já demonstrado nas divisões da planilha de coleta dos materiais, tais como:

1. Estrutura do texto,
2. Temática,
3. Enunciadores,
4. Visualidade,
5. Som e
6. Edição.

Essas informações, conforme indica a autora, fornecem subsídios para a fase qualitativa, que aplica três princípios: Fragmentação; Dramatização e Definição de Identidades e Valores, sendo este último o que permite reconhecer os valores atribuídos a problemas e conflitos locais e globais e os modos como são julgados e qualificados.

Assim, com base nas dimensões noticiosas e das narrativas audiovisuais, foram pensadas quinze categorias analíticas, por meio das quais o objeto de estudo é interpretado, conforme mostra a Tabela 2. Seis destas categorias foram definidas por elaboração própria, visando explorar o material, como defendido por Bardin (1977). Já as demais categorias (nove, ao total) são as indicadas por Becker (2012) para realização da Análise Televisual.

Com base nestas definições, realizou-se a análise e interpretação das informações coletadas, com o objetivo de responder ao problema de pesquisa levantado: como o MT1 noticia as ondas de calor?

A partir deste processo, fez-se possível conferir sentidos aos objetos analisados, considerando as características do conteúdo e os indicativos quanto aos critérios de noticiabilidade. Dessa forma, buscou-se alcançar compreensão sobre o desenvolvimento das notícias sobre ondas de calor em Cuiabá, bem como sobre as escolhas que orientam a prática jornalística do veículo estudado em torno da cobertura de eventos climáticos na cidade e suas potenciais consequências, o que discutiremos na sequência.

5. Análise

Após a realização da pesquisa e aplicação dos procedimentos de busca detalhados na seção anterior, chegou-se ao total de apenas nove conteúdos noticiosos coletados dentro do recorte temporal estabelecido, sendo três materiais para cada um dos três meses (agosto, setembro e outubro), conforme apresentado anteriormente na Tabela 1. De imediato, evidencia-se a dificuldade de constituir um *corpus* robusto e com material relevante para a análise, devido à baixa produção de conteúdos sobre o assunto aqui abordado no programa e veículo escolhidos.

Este não era um resultado esperado para esta fase da proposta, considerando as motivações para a definição temporal para a coleta, que incluem os períodos com registro de temperaturas acima das médias mensais e de maior ocorrência de ondas de calor em Cuiabá no ano de 2023. No entanto, por outro espectro, este dado também oferece indicativos sobre os critérios jornalísticos adotados na cobertura local e corrobora a percepção de normalização das altas temperaturas na capital, a ponto de não serem consideradas noticiáveis.

Tendo isso em vista, parte-se para o detalhamento dos poucos conteúdos encontrados e a categorização de seus aspectos com base na metodologia de análise definida, iniciando-se pelo mês de agosto.

Tabela 2 Categorias de análise e codificação.

Categorias	Codificação
Data de exibição	Elemento de temporalidade para comparação com o período de ocorrência dos eventos climáticos.
Título	Meio de identificação do conteúdo como um todo e destaque para as informações consideradas mais relevantes e/ou chamativas.
Duração	Medida de tempo que indica o espaço midiático destinado ao conteúdo.
Estrutura do texto	Elementos que caracterizam o modo como o produto audiovisual se apresenta: estilo de narração, formatos e organização dos conteúdos, divisão em blocos, duração, etc. (Becker, 2012).
Temática	Conteúdos, campos temáticos e editoriais que mais se destacam no produto audiovisual (Becker, 2012).
Enunciadores	Atores sociais que participam da narrativa, considerando vozes presentes e ausentes nos relatos, diálogos e depoimentos, bem como a forma dos âncoras e dos repórteres apresentarem o texto (Becker, 2012).
Visualidade	Instância cênico-visual; Cenários, figurinos e recursos gráficos e multimídia, etc. (Becker, 2012).
Som	Elementos sonoros, palavras, ruídos, trilha sonora, etc., que participam da construção da narrativa e dos sentidos do texto (Becker, 2012).
Edição	Processos de montagem da obra audiovisual e as combinações entre o texto verbal e a imagem (Becker, 2012).
Fragmentação	Organização de unidades informativas em blocos enxutos, condensados, de curta duração e dispersos pela grade de programação, não oferecendo a oportunidade de realizar interligações entre informações (Becker, 2012).
Dramatização	Natureza ficcional da narrativa; Envolve emoção no processo de leitura do texto audiovisual, confere caráter dramático ao acontecimento e desperta sentimentos de empatia, sedução ou comoção. Acentuada pelo uso de recursos audiovisuais (Becker, 2012).
Identidades e valores	Indicativos da narrativa quanto aos valores atribuídos a problemas e conflitos locais e globais e os modos como são julgados e qualificados (Becker, 2012).
Abordagem científica?	Considera a inclusão de qualquer tipo de informação científica para contextualização ou enriquecimento da notícia, seja por meio do uso de dados científicos, da presença de fontes científicas, referência a pesquisas científicas, etc.
Pauta jornalística ou de entretenimento?	Definição conclusiva para diferenciação dos conteúdos e resposta às hipóteses.
Expressões mais utilizadas e/ou de destaque	Agrupamento de elementos repetitivos para visualização do vocabulário em destaque na narrativa e identificação de possível reforço de estereótipos e/ou do senso comum.

Fonte: Adaptado de Becker (2012).

A primeira notícia coletada, com o título “Passageiros da Estação Ipiranga reclamam de calor”, foi ao ar no dia 11 de agosto de 2023, tem 3 minutos e 44 segundos de duração e tematiza a infraestrutura deficitária de uma das principais estações de ônibus da cidade.

Em nenhum momento, ao longo da matéria, traz-se embasamento científico ou há menção à “mudança climática”, “onda de calor”, “evento extremo” ou termos correlatos para contextualizar e aprofundar a problemática. Não são abordadas, por exemplo, causas e consequências dos fenômenos extremos, especialmente das ondas de calor, mesmo diante das evidências e dos

dados alarmantes citados, e nem o modo como estão sendo experienciados de maneira desigual pela população, tendo em vista o recorte social específico diretamente atingido pela temática noticiada. Para além da cobrança quanto à infraestrutura do local do fato, seria cabível um debate mais aprofundado em torno da questão, pautando o longo prazo. Não são citados – ou cobrados dos representantes públicos mencionados –, por exemplo, a ausência dos planos estratégicos de adaptação e mitigação dos efeitos das alterações do clima para outros locais de maior necessidade e para a cidade como um todo, em específico para o caso das altas temperaturas em Cuiabá.

A notícia telejornalística analisada se desenvolve, dentre outros fatores, em torno de problemáticas da mudança do clima, mas isso não é visualizado dessa maneira e não é considerado para a sua estruturação, que se baseia apenas em um acontecimento muito pontual, desenvolvido em um curto espaço de tempo – o que pode ser explicado pela característica de fragmentação comum a este tipo de conteúdo noticioso, como explicitado por Becker (2012).

Desse modo, não se pode dizer que houve um direcionamento ao entretenimento ou que o contexto climático foi banalizado na notícia, mas observa-se que o enquadramento escolhido para a cobertura jornalística, do título ao texto audiovisual desenvolvido, não deu o devido espaço ao assunto, perdendo a chance de pautar a ciência, aprofundar as informações sobre o evento extremo e ampliar o debate em prol do interesse público, o que reforça os apontamentos da primeira hipótese apresentada neste estudo.

O segundo material coletado, que foi ao ar no dia 16 de agosto de 2023, é um desdobramento da pauta anterior e traz um título muito parecido: “Passageiros reclamam de calor em Estação Ipiranga”. Com duração de 8 minutos e 32 segundos, o conteúdo também se trata de uma entrada ao vivo, com a repórter em *stand up* no local do fato: a mesma estação de ônibus com problemas estruturais. O gerador de caracteres (GC) no vídeo enuncia a temática: “Calorão dentro da Estação Ipiranga” e “os cinco equipamentos [de ar-condicionado] pararam de funcionar”.

Apesar do maior espaço midiático destinado a esta notícia, tanto no que diz respeito ao tempo, como também pela compreensão de “desdobramento” de informações anteriores, é possível perceber que, apesar de não ser projetado ao entretenimento, o conteúdo jornalístico, mais uma vez, é fragmentado e pautado em acontecimento pontual, e nem mesmo menciona sua relação com a pauta ambiental e climática – o que se faz possível compreender a partir do destacado por Loose e Girardi (2017, p. 160), que dizem que, infelizmente, “como outros temas ambientais, a questão climática só se torna perceptível aos sentidos humanos quando já é tarde para evitar seus prejuízos”.

Nesta perspectiva, as autoras ainda ressaltam o papel social do jornalismo ao afirmarem que para um problema ambiental tornar-se reconhecido e compreendido pela sociedade, faz-se necessário que este seja pautado e simbolicamente construído desta maneira, “por meio da identificação, apresentação e debate público. É nesse sentido que o jornalismo se mostra crucial para levar

a grandes públicos a discussão multifacetada e não cotidianamente visível das alterações do clima” (Loose & Girardi, 2017, p. 160).

Destaca-se também que não há nenhum tipo de abordagem científica para o conteúdo e, mesmo com informações, não é mencionado diretamente o cenário de ondas de calor para a região no período e/ou alterações do clima como um todo, pautando, por exemplo, o agravamento do tema a partir da conceituação de “ilhas de calor”, haja vista sua completa interligação com o assunto no contexto de adensamento urbano, como explicitado por Andrade (2024).

Veiculado no dia 23 de agosto de 2023, o terceiro e último registro coletado do mês traz como título: “MT1 mostra como a população tenta se proteger do calor”. O conteúdo é estruturado por meio de sonoras gravadas e participação de repórter ao vivo em *stand up*, tem duração de 6 minutos e 6 segundos e o tema é indicado no GC do vídeo: “Máxima de 42°C” e “Meteorologia prevê calorão hoje e pancadas de chuva a partir de sexta”.

Durante toda a exibição e falas dos enunciadores, as expressões que mais se repetem ou se destacam para caracterização do cenário climático em torno da notícia são: “temperatura elevada”, “calor absurdo”, “temperatura alta desde cedo”, “recorde de calor em 2023”, “maior temperatura do país”, “40°C é ‘arroz de festa’ em Cuiabá”, “refrescadinha”, “calorão”, “sensação de calor extremo”, “muito quente”, “ilha de calor”, “sobreviver nesse calorão”, “cuia-brasa”, “difícil”.

Sobre a edição do material, esta se dá apenas pelas inserções das imagens e sonoras que dialogam e complementam as narrações e, quanto aos elementos sonoros para completar a ambientação, apresentam-se apenas ruídos característicos do Centro da cidade, percebidos superficialmente nas sonoras das entrevistas, e os sons de água nos trechos que mostram as crianças brincando em chafariz.

Diante do exposto, nota-se que o conteúdo é jornalístico, mas possui elementos que quase o projetam ao entretenimento, principalmente devido a algumas imagens e ao tom positivo dado à narrativa, que, apesar do espaço de tempo considerável, desenvolve-se de modo fragmentado e em torno de acontecimento pontual.

Destaca-se que, apesar de não mencionado, é possível compreender que a matéria traz (ou deveria trazer) como eixo central a cobertura de riscos climáticos, mas não se desenvolve nesta perspectiva com exatidão. Neste sentido, perde em muito o trabalho jornalístico ao não cumprir, como mencionado por Loose e Girardi (2017, p. 168), com seu papel de auxiliar “tanto na percepção do risco como no empoderamento dos cidadãos para que eles se mobilizem e exerçam sua cidadania”, tendo em vista que para o enfrentamento a estes riscos em sociedade “é preciso primeiro que os cidadãos percebam tais ameaças potenciais e, em seguida, conheçam maneiras de combatê-las ou contribuir para sua mitigação e adaptação”. No entanto, sobre isso, as autoras ainda advertem:

[...] assume-se, como Kitzinger e Reilly (2002), que a cobertura midiática do risco é seletiva. Ainda que tenham potencial de noticiabilidade, não são todos os riscos que aparecerão nas páginas dos jornais. [...] a própria estrutura jornalística não encoraja uma cobertura sustentada dos temas de riscos em razão das incertezas científicas, do fato de muitos riscos serem ignorados ou parecerem sob controle pelas instâncias oficiais, e – talvez o mais importante – pelo jornalismo atuar com fatos concretos e não acontecimentos projetados, como são os riscos. (Loose & Girardi, 2017, p. 163).

Por fim, pode-se dizer que há abordagem científica, mas esta é completamente restrita a alguns dados climáticos e meteorológicos e à participação da fonte especialista que também apresenta algumas informações neste sentido. Logo, a ciência é trazida de modo superficial para este conteúdo e, mais uma vez, não há aprofundamento na pauta climática e em assuntos correlatos possíveis de serem abordados diante do contexto de ondas de calor, representado, neste caso, a partir de nuances positivas em diversos momentos, fazendo ser importante lembrar que “para que a notícia possua características positivas, ela precisa ser contextualizada, tendo o cuidado para que não seja vista como superficial”, como afirma Correia et al. (2021, p. 6).

Sob o título “Onda de calor já mudou a rotina do cuiabano”, o conteúdo em formato ao vivo foi ao ar no dia 19 de setembro de 2023 e tem duração de 4 minutos e 51 segundos.

Percebe-se que “onda de calor” é mencionada neste caso, mas ainda assim não há menção à “mudança climática”, “evento extremo”, ou termos correlatos para fins de contextualização e aprofundamento da pauta jornalística, que acaba sendo projetada à dimensão do entretenimento. Isto se dá em consequência do tom bem-humorado com que a narrativa é desenvolvida e dos valores e sentidos superficiais atribuídos ao assunto, chegando a quase negar a problemática evidente e omitindo as causas e consequências em torno da pauta climática em questão, em detrimento do foco dado à busca por identificação com o público, sem necessariamente se apegar ao fato noticioso.

A partir do conceito de “infotainment” (Dejavite, 2003), isto pode ser entendido como a construção de uma “notícia light”, que é “rápida, de fácil entendimento, efêmera, de circulação intensa e divertida”, atendendo às necessidades de uma audiência que espera encontrar nestes jornais os conteúdos que satisfaçam “seus interesses de informar e formar, mas que também não deixe de distraí-la” (Dejavite, 2003, p. 69). Quanto a isto, é importante ressaltar que Miguel (2012) observa que, nesta intenção de captar a atenção do público, o jornalismo muitas vezes exagera no uso da linguagem sensacionalista ou focada na descontração, o que, no caso da cobertura climática, pode diluir a seriedade das pautas, reforçar estereótipos e criar um efeito de banalização dos riscos associados ao assunto.

Além disso, destaca-se que, apesar de implícito, havia a oportunidade de tratar com maior clareza sobre o modo como os impactos das ondas de calor estão sendo experienciados de maneira desigual pela população, abarcando conceitos de justiça climática e racismo ambiental (Dias, 2023), e o entendi-

mento de que, além de pauta científica e ambiental, “as alterações climáticas devem ser pensadas como uma questão humanitária, [...] uma vez que a degradação do meio ambiente e a violação aos direitos humanos se mostram inter-relacionadas”, como afirmado por Dias (2023, p. 34). Acrescente-se, ainda, tendo em vista o recorte social específico diretamente atingido pela temática noticiada, a compreensão de que, como exemplificado, “os eventos climáticos extremos “afetam diretamente indicadores de bem-estar, como a moradia adequada, o acesso à saúde e o suporte socioeconômico”, de acordo com Andrade (2024), que também diz que:

Os mais vulneráveis – incluindo mulheres, crianças, minorias étnicas, comunidades pobres, migrantes, refugiados, idosos e pessoas com doenças crônicas – são os mais afetados, exacerbando as desigualdades sociais preexistentes. A vulnerabilidade urbana às mudanças climáticas está intrinsecamente ligada à pobreza e à falta de acesso a recursos essenciais, o que impede que essas populações se adaptem e respondam adequadamente aos desafios climáticos. (Andrade, 2024).

Por fim, nota-se também que não há nenhum tipo de abordagem científica, o que, assim como a fragmentação do conteúdo (Becker, 2012), corrobora o tratamento superficial do tema, que, neste caso, poderia aprofundar suas tratativas trazendo foco à pauta climática e ampliando sua perspectiva para a conexão entre o local e o global (Loose & Girardi, 2017) para fins de contextualizar e “relacionar as mudanças climáticas com os eventos extremos”, como aconselhado por Amaral et al. (2020, p. 22) quanto à cobertura jornalística em torno das alterações do clima.

A segunda notícia coletada no mês de setembro de 2023 foi ao ar no dia 26 e tem 8 minutos e 5 segundos de duração. O tema abordado é indicado no título do site: “Sem energia, família passa noite dentro do carro pra fugir do calor”, assim como no GC do vídeo: “Família passa a noite dentro do carro” e “sem luz, essa foi a alternativa para aliviar o calor”.

Desde as falas do âncora do telejornal na abertura do conteúdo até a entrevista com a fonte testemunhal e os comentários finais, percebe-se algumas nuances de apelo emocional, ou “procedimentos de intensificação e dramatização”, como denominado por Miguel (2012, p. 116), que se referem ao uso de “vocábulos, palavras e adjetivos que gerem exagero, simplificação, oposição, deformação e amplificação emocional na mensagem”. Quanto à descrição do exposto, nota-se a repetição ou destaque dado às seguintes expressões: “aliviar o calor”, “40°C à noite”, “muito calor”, “calorão”, “inacreditável”, “período quente” e “alta temperatura”. Dessa maneira, a pauta jornalística se desenvolve de modo a atribuir tom de denúncia à exposição do fato e a avaliar negativamente a problemática.

No entanto, conclui-se que a matéria analisada, apesar de possuir notória relação com a pauta climática em torno dos impactos das ondas de calor e da mudança do clima, não a considera para a sua estruturação, que mais uma vez se baseia somente em um acontecimento pontual, de modo fragmentado.

Ademais, mesmo com uma maior duração temporal, não é destinado espaço à abordagem científica para aprofundamento do tema e caracterização do contexto da notícia para além da perspectiva empática e emocional, favorecendo a avaliação de Miguel (2012, p. 128) de que “os valores científicos se perderam para dar espaço a textos mais emotivos” e de que é comum a “utilização de termos e palavras que recorrem ao emocional e dramatizam a questão, colocando em destaque os piores cenários” para formulação de conteúdos como este.

Publicada no dia 27 de setembro de 2023, o tema da notícia dialoga diretamente com o conteúdo anterior, pois trata sobre o registro de sobrecarga na rede de energia elétrica da região devido ao calor extremo do período. No site, a matéria ao vivo com 5 minutos e 39 segundos de duração, é identificada com o título “MT registrou maior carga medida em 23 anos, por causa do calor”, frase que se repete na linha fina do GC do vídeo, abaixo de “Alta demanda de energia”.

“Onda de calor extremo”, “recorde”, “sobrecarga”, “calorão”, “atípico”, “calor que a gente desconhecia” e “excedente de temperatura” são as expressões que se destacam para a caracterização do assunto tratado. Apesar disso, não são percebidos julgamentos e avaliações atribuídos ao tema, devido, possivelmente, à abordagem majoritariamente técnica empregada e ao desenvolvimento fragmentado do conteúdo, fazendo com que este atue apenas como complementar ao acontecimento pontual pautado anteriormente. Não há edição nem ruídos ou elementos sonoros complementares.

Sendo assim, nota-se que, neste caso, a onda de calor é mencionada, mas não conceituada ou abordada cientificamente. Também não são citados termos correlatos em torno do assunto para fins de contextualização e aprofundamento da pauta. Seria cabível ao conteúdo, tratar, por exemplo, sobre a ausência dos planos estratégicos de adaptação e mitigação dos efeitos das alterações do clima para a cidade, pautando o longo prazo em torno da questão, tendo em vista que “o planejamento urbano e o desenvolvimento baseados em riscos são essenciais para criar infraestruturas resilientes que possam suportar eventos climáticos extremos”, como afirmado por Andrade (2024).

A autora também destaca que é “importante integrar serviços ecossistêmicos, melhorar os sistemas de gestão de emergências e aumentar a conscientização dos residentes sobre os riscos climáticos”, e, neste sentido, nota-se a possibilidade de atuação do jornalismo em cumprimento ao seu papel social voltado à educação, neste caso a ambiental, especialmente no espaço televisivo, já que “telejornais são a principal fonte de informação para a maioria dos brasileiros, concentram grande parte do conteúdo das emissoras de televisão aberta no Brasil”, como aponta Becker (2012, p. 71-72).

Além disso, a partir tanto desta unidade de registro como da anterior, é possível perceber como projeções em torno do tema não foram tangenciadas antes nem em decorrência dos fatos, mesmo diante do cenário de eventos de calor extremo e todos os seus riscos associados, o que possivelmente ocorre porque:

Os jornalistas esperam eventos “reais” porque sua prática fundamenta-se no acontecimento e não na previsão deste. A não existência de uma manifestação concreta pode ser vista como especulação pela comunidade interpretativa, pois jornalistas não costumam trabalhar com projeções – e sim com fatos. “Os media noticiosos actuam [sic] melhor na notícia retrospectiva do que na notícia prospectiva sobre o risco, e as notícias retrospectivas sobre o risco são naturalmente reduzidas” (Kitzinger; Reilly, 2002, p. 40 citado em Loose & Girardi, 2017, p. 164).

Dessa forma, entende-se, a partir de Loose e Girardi (2017, p. 164), como o jornalismo quase sempre depende da concretude e da dramatização de um risco ou problema para notificá-lo, já que “a cada risco que se transforma em tragédia, o jornalismo consegue um ‘gancho’, um aspecto recente que se encaixa nos atributos de noticiabilidade, para então (re)construir a estória [sic] das MCs [mudanças climáticas]”.

No dia 20 de outubro de 2023 foi ao ar o primeiro registro encontrado neste mês. Com apenas 2 minutos e 12 segundos, o título pontua a temática do conteúdo ao vivo: “MT1 faz o experimento do ovo frito ao ar livre”. Não há GC no vídeo, mas, para a indicação da tratativa, o telejornal é iniciado com imagens de um dos âncoras no terraço do prédio da emissora posicionando itens para tentar fritar ovos a céu aberto, com o calor do sol e do ambiente da cidade.

Percebe-se que o conteúdo é curto, fragmentado e não contempla muitas informações, tendo em vista que atua apenas como introdução ao que será desenvolvido posteriormente, apresentando aspectos de dramatização. Não há edição posterior nem sons ou ruídos complementares, e os elementos visuais ficam restritos às imagens do experimento lúdico no telhado e da tela do site com a enquete sobre o assunto. Expressões como: “calor pra ‘catiça’”, “quente demais”, “que calor é esse?” e “calorão” ganham destaque na narração descontraída e bem-humorada, direcionada à interação com o público, que atribui sentidos positivos ao tema abordado.

Apesar de envolver a pauta climática e científica, tendo em vista a temática e o período de realização da produção, o material se encaixa na dimensão do entretenimento, e notadamente se propõe, em especial, a alcançar o público que busca constantemente por experiências de entretenimento e apropriação dos dispositivos técnicos no ambiente digital (Becker, 2012) e as suas interações, como no caso da enquete virtual, “reafirmando o valor das audiências nos atuais processos de comunicação midiáticos”, como pondera Becker (2012, p. 234).

Por fim, pontua-se que não há abordagem científica, mas esta é mencionada como algo a ser trazido ao fim da atividade a ser desenvolvida.

O outro conteúdo coletado tem duração de 4 minutos e 50 segundos e foi veiculado em 20 de outubro de 2023, mesmo dia do registro anterior. Isto porque se trata da continuidade do material iniciado mais cedo no mesmo programa: um experimento lúdico envolvendo o período de onda de calor, como

é indicado no título e na linha fina do GC no vídeo: “MT1 faz experimento ao vivo” e “Onda de calor: Ovo frito ou não?”.

Quanto à visualidade, ressalta-se que no início de sua fala, o repórter utiliza um recurso de dramatização, ao demonstrar visualmente a sensação térmica do lado externo utilizando o gesto de “secar o suor da testa” com as mãos. Quando fora do estúdio, as imagens capturam detalhes do experimento no terraço: parte do espaço, as frigideiras e os ovos, assim como a fonte utilizando um termômetro para explicações em torno das temperaturas dos objetos do experimento.

Não há edição posterior nem sons ou ruídos complementares. “Solção” e “derretendo” são as únicas expressões de destaque durante a narração do conteúdo, que, seguindo o padrão do registro anterior, direciona-se ao entretenimento, e não aborda, necessariamente, um fato noticioso, já que se trata de um acontecimento criado para o momento, em busca da adesão do público que busca por experiências de entretenimento, dando ênfase ao que Becker (2012, p. 137) chama de “fusão das indústrias de informação e de entretenimento”, conceituação que incorpora que, na atualidade, “a agenda noticiosa não é mais a única maneira de dar conta da realidade” – o que é corroborado pela compreensão de “infotainment” defendida por Dejavit (2003).

O tom descontraído é mantido, assegurando a produção de sentidos positivos em torno do tema, e há, notadamente, uma abordagem científica como indicado na chamada do conteúdo. Esta abordagem, porém, é limitada ao experimento lúdico em si, com um pequeno espaço destinado ao “serviço” de recomendação de vestimentas para o calor.

Novamente, o termo “onda de calor” é mencionado no material, ficando restrito ao GC do vídeo desta vez, e não há nenhum tipo de conceituação para contexto e aprofundamento, nem são citados termos correlatos para complementação do conteúdo fragmentado e de curta duração. Neste caso, quanto aos termos e definições, vale ressaltar como cabe ao jornalismo, segundo Amaral et al. (2020, p. 21), “problematizar e divulgar uma série de conceitos-chave” que caracterizam a temática, visando favorecer “a transição para uma sociedade ambientalmente responsável, que permita aos cidadãos compreender a informação e os termos específicos relativos às mudanças climáticas”.

“Árvores têm importante papel na redução do calor” é o título da última unidade de registro que compõe o *corpus* de análise deste estudo. A matéria ao vivo, que foi ao ar no dia 21 de outubro de 2023, tem 2 minutos e 32 segundos de duração e também indica o tema nos enunciados do rodapé do vídeo: “Árvore e calor” e “Cobertura vegetal em Cuiabá não é a ideal”.

Dentre as falas dos três enunciadores participantes, as expressões que se repetem ou se destacam na tratativa do assunto são: “cada ano está ficando mais quente”, “cidade verde”, “tão quente”, “calor intenso”, “calor crescente”, “melhora climática” e “alta temperatura”. Não há outros sons ou ruídos complementares à narrativa nem edição do conteúdo.

Percebe-se, assim, que a matéria jornalística, pautada em dados e infor-

mações científicas, contempla o interesse público e atribui sentidos e valores negativos à problemática exposta e se propõe a “divulgar investigação científica em torno das mudanças climáticas”, comunicando informações do campo científico de forma acessível, o que é essencial na cobertura da temática, de acordo com Amaral et al. (2020, p. 21).

Porém, mais uma vez, não há menção à “mudança climática”, “onda de calor”, “risco climático” ou termos correlatos para contextualizar o período em que se insere a notícia e aprofundar cientificamente o tema, bem como outras extensões que seriam cabíveis. Sabe-se, como já mencionado, que isso, possivelmente, deve-se à característica de fragmentação, comum a este tipo de conteúdo, como instrui Becker (2012).

6. Considerações finais

Diante do exposto, entende-se como as alterações do clima e a consequente intensificação dos eventos climáticos extremos, como as ondas de calor, resultam em diversos efeitos negativos ao Planeta e a todas as esferas da sociedade, resguardando as desigualdades de impacto para os diferentes recortes e níveis sociais.

Desse modo, no campo da comunicação, ressalta-se a importância e a responsabilidade destinada à cobertura jornalística das pautas climáticas e ambientais na atualidade. Busca-se, neste contexto, a interlocução entre as especificidades do jornalismo ambiental e do científico, destacando as funções atribuídas ao ofício no corpo social, especialmente, neste caso, voltadas à formação e educação.

Sendo assim, considerando este papel social do jornalismo e o cenário de mudanças do clima, este estudo partiu do seguinte problema de pesquisa: como MT1 noticia as ondas de calor?

A análise revelou um número considerável de matérias que transformam o calor em pauta de entretenimento no telejornal cuiabano. Mesmo quando desenvolvidas enquanto matérias jornalísticas, nota-se o uso frequente do tom descontraído e de elementos humorísticos, inusitados e de dramatização, especialmente por meio de recursos visuais e expressões chamativas na narração. Esta estrutura busca maior contato e interação com o público, mas, em alguns casos, em conjunto com a característica de fragmentação dos conteúdos, desviou o foco da seriedade das problemáticas expostas e/ou omitiu certos aspectos importantes em torno delas e tratou o assunto com superficialidade.

É perceptível também como acontecimentos noticiosos intimamente ligados às alterações do clima não são assim visualizados e nem tratados como pautas climáticas. Por mais que devessem, estas matérias não são nem seriam alocadas em editorias de meio ambiente e/ou de ciência, e não seriam produzidas por jornalistas especializados nestas áreas, por exemplo. O que resulta, ainda, na inegável ausência da abordagem científica aprofundada para contextualização e desenvolvimento dos conteúdos.

Ressalta-se ainda que, em alguns materiais analisados, o calor, mesmo de maneira intensa durante as ocorrências extremas, foi caracterizado como algo cotidiano e comum, o que reforça estereótipos de Cuiabá como uma cidade naturalmente muito quente. Desse modo, o telejornalismo local contribui para uma percepção superficial dos eventos extremos de ondas de calor e para a normalização do calor da cidade – o que contrasta com a cobertura de outros eventos, como chuvas intensas, por exemplo, devido, principalmente, aos impactos imediatos mais avultados. Assim, ao não equiparar a severidade dos fenômenos e suas relações, esta abordagem prejudica a compreensão plena dos riscos e consequências associados às ondas de calor e às mudanças do clima como um todo por parte da audiência, e resulta no distanciamento da prática jornalística de seu papel social e educativo, em especial no campo científico.

Sendo assim, para aprimorar a cobertura jornalística em torno das alterações do clima, esta proposta defende como cada vez mais necessário que as redações locais priorizem a relevância social e o verdadeiro interesse público em torno da pauta climática. Abordando, desse modo, o longo prazo e a contextualização científica para causas e consequências, a fim de delinear os cenários e evitar o reforço de estereótipos que não contribuem positivamente com a temática (principalmente para o caso de eventos extremos, como são as ondas de calor).

Destaca-se, por fim, que este estudo é uma amostragem restrita e que, embora o recorte temporal tenha permitido observar um momento importante da cobertura sobre o assunto, pode não refletir variações na abordagem jornalística ao longo de outros períodos, mesmo no escopo da própria emissora. Além disso, a análise se baseia exclusivamente no Programa MT1, e não considera as possíveis diferenças de outros telejornais locais. Logo, estudos futuros podem ampliar o escopo de pesquisa e explorar como diferentes espaços abordam o tema, até mesmo incluir outros fenômenos climáticos extremos, por exemplo, e oferecer uma visão mais completa sobre a cobertura jornalística em torno das mudanças climáticas na região.

Referências

- Aguiar, C., & Loose, E. B. (2023, novembro 24). *As imagens da crise climática: Do catastrofismo à banalização dos riscos*. Observatório de Jornalismo Ambiental. <https://jornalismoemambiente.com/2023/11/24/as-imagens-da-crise-climatica-do-catastrofismo-a-banalizacao-dos-riscos/>
- Amaral, M. F., Loose, E. B., & Girardi, I. M. T. (Orgs.). (2020). *Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas*. FACOS-UFSM.
- Andrade, M. de F. (2024). A importância das cidades na crise climática. *Ciência & Cultura*. <https://revistacienciaecultura.org.br/?artigos=a-importancia-das-cidades-na-crise-climatica>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

- Becker, B. (2012). Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: Uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. *Matrizes*, 5(2), 231–250. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i2p231-250>
- Bieber, J. G. (2024, maio 28). *Por que muitas capitais brasileiras ainda não têm planos contra mudanças climáticas?* Agência Pública. <https://apublica.org/2024/05/por-que-muitas-capitais-brasileiras-ainda-nao-tem-planos-contramudancas-climaticas/>
- Braga, J. L. (2019). A comunicação e o senso comum. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*, 3(5), 27–46. <https://doi.org/10.31657/rcp.v3i5.88>
- Bueno, W. C. (1985). Jornalismo científico: Conceito e funções. *Ciência e Cultura*, 37(9), 1420–1427. <https://biopibid.ccb.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-cient%C3%ADfico-conceito-e-fun%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Correia, E. M., Pinheiro, V. de J. C., Carvalho, T. de, Oliveira, C. de J., & Santos, J. M. dos. (2021). A difusão da informação no jornalismo científico. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 17, 1–19. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1541>
- Dias, R. F. (2023). *Racismo ambiental frente à era das mudanças climáticas: Uma análise da percepção social no Brasil* [Monografia de bacharelado, Universidade de Brasília].
- Dejavite, F. A. (2003). Mais do que economia e negócios: O jornalismo de infotainment no Jornal Gazeta Mercantil. *Comunicação & Inovação*, 3(6). <https://doi.org/10.13037/ci.vol3n6.563>
- Fischer, R. M. B. (2002). O dispositivo pedagógico da mídia: Modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, 28(1), 151–162. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>
- Fonseca Júnior, W. C. (2008). Análise de conteúdo. In J. Duarte & A. Barros (Orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (pp. 280–315). Atlas.
- Freitas, C., & Canizares, J. (2024, setembro 26). *Praia artificial, árvores e chope: O “plano” da direita contra o calor extremo em Cuiabá*. Agência Pública. <https://apublica.org/2024/09/cuiaba-plano-da-direita-e-criar-praia-artificial-para-calor-extremo/>
- Girardi, I. M. T., Massierer, C., & Schawaab, R. T. (2006). Pensando o jornalismo ambiental na ótica da sustentabilidade. *UNIrevista*, 1(3), 1–12.
- Girardi, I. M. T., Moraes, C. H. de, Loose, E. B., & Belmonte, R. V. R. (Orgs.). (2018). *Jornalismo ambiental: Teoria e prática*. Editora Metamorfose. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/183295>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Panorama de Cuiabá*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/cuiaba/panorama>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022a). *Panorama de Cuiabá*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/cuiaba/panorama>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022b). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/2511-np-pnad-continua>
- Instituto Nacional de Meteorologia. (2024). *Ano de 2023 é o mais quente da série histórica no Brasil*. <https://portal.inmet.gov.br/noticias/ano-de-2023-%C3%A9-o-mais-quente-da-hist%C3%B3ria-do-brasil>
- Instituto Nacional de Meteorologia. (n.d.). *Glossário*. <https://portal.inmet.gov.br/glossario/glossario>
- Instituto Nacional de Meteorologia. (n.d.). *Gráficos anuais de estações automáticas*. <https://tempo.inmet.gov.br/GraficosAnuais/A001>
- Intergovernmental Panel on Climate Change. (2018). *Global warming of 1.5°C*. <https://www.ipcc.ch/sr15/>

- Loose, E. B., & Girardi, I. M. T. (2017). O jornalismo ambiental sob a ótica dos riscos climáticos. *INTERIN*, 22(2), 154–172. <https://doi.org/10.35168/1980-5276.UTP.interin.2017.Vol22.N2.pp154-172>
- Lopes, B. de J., Amorim, C., Matielo, J. D., Silva, L. H. da, Vilanova, Y. Z., & Moraes, C. H. de. (2020). Eventos extremos no jornalismo: Análise interdiscursiva dos vídeos dos portais UOL, G1 e R7. In *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1054-1.pdf>
- Marengo, J. A. (2024). Impactos sociais dos eventos climáticos extremos. *Ciência & Cultura*, 76(3). <https://revistacienciaecultura.org.br/?p=7004>
- Miguel, K. (2012). Os paradigmas da imprensa na cobertura das políticas ambientais. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 35(1), 111–131. <https://doi.org/10.1590/S1809-58442012000100007>
- MT1. (2023). *[Série de reportagens]*. TV Centro América. <https://globoplay.globo.com>
- Organização Meteorológica Mundial. (2024). *Estado do clima global em 2023*. <https://library.wmo.int/idurl/4/68835>
- Organização das Nações Unidas. (2022). *O que são as mudanças climáticas?* <https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-s%C3%A3o-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas>
- Pedrosa, M. M. D. (2023). *Quais os efeitos do calor extremo no corpo humano?* *Ciência Hoje*. <https://cienciahoje.org.br/artigo/quais-os-efeitos-do-calor-extremo-no-corpo-humano/>
- Rodas, C. de A., & Di Giulio, G. M. (2017). Mídia brasileira e mudanças climáticas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 40, 101–124. <https://doi.org/10.5380/dma.v40i0.49002>
- Santos, L. F. dos, & Oliveira, I. C. A. de. (2024). Diálogos entre jornalismo científico e educação. *Pauta Geral*, 11(1), 130–144. <https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.11.23004>
- Secretaria de Comunicação Social. (2016). *Pesquisa brasileira de mídia*. <https://www.gov.br/secom>
- Silva, L. H. P. (2012). Ambiente e justiça: Sobre racismo ambiental no Brasil. *E-cadernos CES*. <https://doi.org/10.4000/eces.1123>
- Silva, T., & França, V. (2017). Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. *E-Compós*, 20(3). <https://doi.org/10.30962/ec.1398>
- Varela, U. do N. (2024). Midiatização da ciência. *Animus*, 22(50). <https://doi.org/10.5902/2175497785920>